

O QUE AS ESTAGIÁRIAS DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UFPEL FALAM SOBRE A SUA FORMAÇÃO DOCENTE PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

THAIANY D AVILA ROSA¹; Maria das Graças Carvalho S. Medeiros Gonçalves Pinto³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – thaianyrosa@hotmail.com1

³Universidade Federal de Pelotas – profgra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema educação inclusiva tem mobilizado os cursos de formação de professores trazendo muitos questionamentos e reflexões. Este trabalho objetiva verificar, na perspectiva das estagiárias do curso noturno de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, como está se constituindo sua formação para a atuação em classes inclusivas. Qual a concepção destas estagiárias sobre a educação inclusiva e quais as limitações do processo de formação. Os dados são oriundos da análise de um questionário e uma entrevista aplicados no segundo semestre de 2016, às acadêmicas, sendo este, uma das etapas de um projeto de dissertação de mestrado. Acreditamos que o tema seja de relevância significativa para os estudos realizados na formação inicial de professores, dentre outros motivos, pelas poucas pesquisas registradas que abordam a perspectiva das estagiárias de um curso de Pedagogia sobre a sua formação para educação inclusiva.

Os referenciais teóricos propostos para este trabalho são em autores que discutem sobre a inclusão, como: Sassaki (2006), Mantoan (2013), Carvalho (2007). Também autores que estudam sobre a formação de professores tais como: Garcia (1995). Para o tema estágio docente, autores como: A autora Feldkercher (2010) e Lima (2009).

2. METODOLOGIA

Este trabalho aproxima-se de uma pesquisa descritiva, sendo esta, segundo Tiviños (1987,p.110) “*Tipo de estudo que pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade*”.

Os sujeitos desta pesquisa são dezesseis (16) estagiárias concluintes do 9º semestre do curso noturno de Pedagogia da UFPel 2016/1, que estavam no estágio final para conclusão do curso de graduação.

Realizou-se três etapas para a coleta de dados, Primeira Etapa: Aplicação do questionário aberto contendo onze questões. Este instrumento de pesquisa, segundo Mattar (1994) São muito úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o respondente mais à vontade para a entrevista a ser feita.

Este questionário contém três categorias agregadoras buscando assim, dar uma ordem e situar as estagiárias com a pesquisa no momento das respostas, são elas: **I - Formação docente, II - Concepção sobre inclusão e III - Papel do curso de Pedagogia na formação.**

A Segunda Etapa: Realizou-se uma entrevista com três estagiárias que responderam os questionários. Segundo Poupart (2008) a *entrevista continua*

sendo um dos melhores meios para aprender o sentido que os autores dão às suas condutas.

Terceira Etapa: Análise dos questionários e das entrevistas pautando-se na análise de conteúdo de Bardin (2009), sendo: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma pré-análise dos dados dos questionários, respondido por dezesseis estagiárias e das entrevistas realizadas com três estagiárias do último semestre do curso de Pedagogia da UFPel, frequentando o estágio final do curso, apresentamos três categorias, referidas na metodologia deste trabalho.

A primeira categoria: **Formação Docente**, das dezesseis estagiárias, treze relatam não estar preparadas para atuar em classes inclusivas. As três que descrevem estar preparadas, já possuíram práticas direcionadas a inclusão, uma no ambiente profissional e duas por participarem de um projeto de extensão da Faculdade de Educação. Ainda que, a maior parte disse não estarem preparadas, observa-se que, para todas as dezesseis as responsabilidades são direcionadas para o curso de Pedagogia. Afirmam elas que, este curso possui teoria, mas que, não aprofunda e não disponibiliza de práticas que proporcionem uma melhor preparação das estagiárias. Como descreve as estagiárias (A-8) *O exercício na prática acontece apenas por opção minha, e não como grade curricular.* (A-15) *um pequeno estágio nessa área, contribuiria na nossa formação.*

Para todas as estagiárias, o curso se fez importante no momento em que proporcionou informação teórica, mesmo que inicial sobre o assunto, da mesma forma que todas questionam a falta dos professores responsáveis pelas disciplinas aprofundarem sobre inclusão.

Ainda que treze estagiárias relatam não sentirem-se preparadas para atuar em classes inclusivas, alegando um conhecimento inicial, sem práticas e vivências sobre a inclusão, três outras que se intitularam preparadas apresentam os mesmos anseios relatados pelas demais. Todas as estagiárias, argumentam possuírem formação básica que permitem buscar mais informação sobre inclusão, caso necessitem.

Segundo Mantoan (2013), os professores nunca estarão preparados totalmente para atuar na docência, seja ela com alunos em processo de inclusão ou não, pois sempre haverá o que aprender, o que sempre acarretará em um novo processo de ensino e aprendizagem.

A segunda categoria é: **Concepção sobre inclusão**, Mantoan (2013) defende a inclusão total dos alunos na escola regular. Parte do ponto de vista que inclusão é uma tendência de que em um ambiente escolar ou social, todas as pessoas devem se sentir pertencentes ao grupo ou ambiente, apesar de levar em conta suas limitações e possibilidades. As pessoas não precisam pertencer a um grupo que possui características únicas, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais. Segundo Ela, todos possuem o direito de pertencer ao grupo que quiserem, desde que se sintam felizes naquele lugar de escolha.

Das dezesseis estagiárias oito aproximam-se se de um conceito sobre o que é inclusão. Desses oito, quatro conceituam a partir de uma fala característica de uma professora responsável por uma disciplina do tema inclusão como descreve a estagiária (A-14) é aquela em que a escola se adapta as necessidades do aluno, não o contrário. Esta mesma estagiária, ao ser

entrevistada retoma a mesma fala, utilizando os mesmos termos, ressaltando que foi o que mais fixou da disciplina obrigatória que participou.

As outras oito estagiárias não conseguem conceituar, dessas oito, três apoiam-se em exemplos do que deve ou não ser feito para conseguirmos incluir os alunos na escola.

Ainda sobre conceituar inclusão, os autores referenciados no trabalho Sassaki (2006), Mantoan (2013) e Carvalho (2007) defendem a inclusão de alunos para além de um laudo ou de uma deficiência. Dessa forma alunos com dificuldades de aprendizagem podem ser entendidos como em processo de inclusão. Assim, das Dezesseis estagiárias, sete se referem apenas a alunos com deficiência, uma se refere a inclusão como pessoas com uma doença e, oito a pessoas com laudo, com deficiência, com dificuldades de aprendizagem, com outras etnias, raça, classe social.

A terceira categoria: **O Papel do curso de Pedagogia na formação**, treze estagiárias descreveram terem realizado apenas uma disciplina obrigatória, quando na verdade segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Pedagogia da UFPel, constam duas disciplinas obrigatórias. Uma delas Teoria e Prática Pedagógica VII, que aborda fundamentos da Educação Especial, e a segunda é Práticas Educativas VIII, abordando o estudo de Libras.

Dez relatam terem realizado pelo menos uma disciplina optativa sobre educação inclusiva, entretanto, uma denomina como optativa, a disciplina de libras, que é obrigatória. Outras quatro dizem que ao realizarem disciplinas optativas, tiveram oportunidade de aprofundar o assunto inclusão e realizarem alguma prática

Dez estagiárias disseram ter de modificar seus planejamentos adaptando-os para alguns alunos. As seis outras, relatam não precisarem mudar em nada seus planejamentos no momento do estágio. Dentre estas seis, uma descreve que (A-5) *por medo e falta de pregar, deixamos de estagiar em uma turma do 1º ano, porque nesta turma se encontravam crianças com deficiência*. Ainda que para algumas o medo e o despreparo se sobreponham ao seu posicionamento entre escolher que tipo de aluno desejam ter em suas salas de aulas, não podemos esquecer que grande parte das escolas regulares já estão com um número significativo de alunos com deficiência e dificuldades de aprendizagens.

Para Feldkercher (2010), *estagiar é se inserir no espaço escolar, conhecer sua realidade, identificar e diagnosticar seus problemas, ensinar, investigar a aprendizagem de todos os alunos, dentre outros*.

4. CONCLUSÕES

Diante dos resultados, podemos analisar que a maior parte das estagiárias participantes desta pesquisa, refletem sobre o tema inclusão. Apesar de muitas apontarem sobre a falta de prática existente durante o curso. Este parece se ter importância ao propor discussões, mesmo que de maneira introdutória, acerca da inclusão. O fato do curso ser noturno, impossibilita para algumas o investimento em estudos aprofundados ou em investimentos que exijam um contra turno. Porém, mesmo se tratando de um curso noturno, a maior parte das colaboradoras se mostraram interessadas no assunto, admitindo suas limitações, mas destacando pontos positivos do seu processo de formação docente no decorrer do curso de Pedagogia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre. Editora: Mediação, 2007.

FELDKERCHER, Nadiane. **O estágio curricular supervisionado como componente teórico e prático em cursos de formação inicial de professores**. Revista Espaço Acadêmico- nº115- Dezembro de 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Mario/Downloads/10862-44581-1-PB.pdf>. Acesso em: 23/Maio. 2017.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores. Para uma mudança Educativa**. Barcelona, Porto editora, 1995.

Gil, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6^a Ed. Editora Atlas

S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore**. Pesquiseduca, Santos, v. 1, n. 1, p. 45-48, jan.-jun. 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar. O que é? Por Que? Como fazer?**.

São Paulo. Editora: Moderna, 2006.

_____. **O desafio das diferenças nas escolas**. 5^a edição. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes: 2013.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v.2.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 7^a edição. Editora: WVA, Rio de Janeiro. 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: editora: Atlas, 1987.